



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

UMA ETNOGRAFIA *ONLINE*: REPRESENTAÇÕES DA MICHETAGEM NA CIDADE DE NATAL/RN

Mikelly Gomes da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
kelinhagomess@hotmail.com

*(...) Minha profissão é suja e vulgar
Quero pagamento para me deitar
Junto com você estrangular meu riso
Dê-me seu amor que dele não preciso
(Zé Ramalho- Garoto de Aluguel)*

1. Introdução

Este trabalho tem como foco compartilhar as experiências de etnografar espaços de sociabilidades sexuais. Com o objetivo de averiguar a representação do homem prostituído. Quem é este homem? Como ele se constitui? Um produto sexual ou uma mercadoria? Devo chamá-lo de garoto de programa, prostituto, gigolô, michê? Como eles se “classificam”? Estas perguntas serão respondidas sob o encaixe da masculinidade.

Na pesquisa me defrontei com realidades diferentes da prostituição, a feminina além de ter territórios definidos na cidade do Natal, a produção acadêmica sobre o tema é mais expressivo. A prostituição masculina ganha outros significados por parte dos atores sociais nela envolvida, e principalmente na sociedade potiguar, pois a prostituição masculina viril¹ não ganha notoriedade nas ruas, nos grandes bares e muito menos na mídia televisiva, quando apontam a cidade como rota do turismo sexual. Os homens envolvidos na atividade sexual conferem a esta o lugar do privado.

A fim de lançar um olhar analítico sobre as representações do sexo pago oferecido pelo público masculino, fui à procura destes em locais de sociabilidades sexuais, recorrendo a espaços *online*. A pesquisa foi realizada em dois momentos, o primeiro,

¹ Prostituição viril entendida aqui sob oferta de favores sexuais ao público feminino. Onde há o culto “exarcebado” do corpo como instrumento de virilidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

salas de bate-papos e no segundo momento quando se mostravam interessados na pesquisa passávamos para o MSN (messenger). A internet com sua velocidade e possibilidade de encontrar tudo, foi de uma utilidade inimaginável. Logo, fiz do meu campo a internet, pensei que seria possível encontrar estes homens transitando na cidade do Natal, visto que em Pipa, praia a 90 km da capital norte-rio-grandense há o envolvimento afetivo-sexuais entre estrangeiras e nativos, relações binacionais (CANTALICE, 2008).

O trabalho descreve minha inserção em campo, procedimentos metodológicos que orientou o estudo, tomo como referência Paula Sandrine Machado (2007), situo o meu lugar enquanto pesquisadora mulher em um universo relativo à masculinidade. Será tratado aqui o discurso masculino sobre a prostituição, como estes atores significam esta atividade, e qual a visão destes homens sob o feminino que lhes procuram.

2. Inserindo-me no campo

Iniciei a pesquisa formalmente nas salas de bate-papo UOL e OI² em maio de 2009, antes em 2008 na disciplina de Oficina de Métodos Qualitativos I, fiz a primeira visita nas salas de bate-papo do portal Terra, que comparada às visitas da UOL e OI é um espaço mais amplo de sociabilidades, ou seja, uma estrutura macro do ciberespaço. Entrei na sala de bate-papos do portal Terra, encontrei uma imensa lista de opções de sociabilidades *online*, que variavam de namoro a esporte. Na sala de namoro, mais listas, opções de casados à “pegação”.

Como era apenas primeira inserção no campo, a fiz como “consumidora” dos serviços sexuais, entrei com o nickname³ “*Quero um michê*”. O limite da sala é de 40 participantes entre cadastrados e não cadastrados no portal, a sala estava cheia. A participação na sala exige um nickname, um código de acesso que é dado pelo próprio site e em caso de salas com referências sexuais, a aceitação de um termo de “maioridade”. Feito isto, credencia-se ao espaço de sociabilidade

² www.uol.com.br e www.oi.com.br

³ Apelido pedido para entrar nas salas de bate-papos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Quanto aos nicknames são os mais variáveis, alguns bem revelador, apelidos infantis, carinhosos e outros obscenos. Na minha primeira visita e com um nickname bem sugestivo, fui requisitada por oito rapazes para conversar, porém a conversa fluiu com dois deles. O primeiro usava o apelido “*Garoto Carente*”, no decorrer da pesquisa vi que esse nickname era usado constantemente pelos atores que freqüentam as salas de relacionamento. O segundo rapaz utilizava o termo “*Gato Bi*”, este foi realmente o primeiro homem que se identificou com o termo michê e procurava na sala de bate-papo ampliar sua rede de clientes. Conversamos por horas, ali eu não era uma pesquisadora, estava lá como uma cliente em potencial, Luciana – 30 anos, divorciada, Doutora em Ciências Sociais, que estava à procura de prazeres antes desconhecidos. Descobri naquele momento as primeiras significações da prostituição masculina *versus* a feminina, a primeira foi a que me levou a procurar por estes homens na internet. Aqui na cidade do Natal na são encontrados nas ruas, diferente da prostituição do corpo feminino. O valor do “programa” revelado pelo “*Gato Bi*”, 300 reais, me causou surpresa quando na literatura sobre a prostituição feminina encontramos preços que beiram miserabilidade.

A representação da prostituição masculina pelo próprio masculino despertou em mim interesse em “navegar” por uma literatura e representação até o momento desconhecida.

3. O fazer michê

Parece ser impossível nos desvencilharmos da idéia da prostituição como uma prática feminina. Ao pensarmos na prostituição masculina, logo se imagina o corpo masculino engendrado por outro corpo masculino, a prostituição homossexual, michetagem viril e michetagem-gay (PERLONGHER, 2008). A prostituição masculina não vincula a mulher como personagem a usufruir das trocas sexuais. Mas afinal o que é um michê?

“O termo michê tem dois sentidos. Um alude ao ato mesmo de se prostituir, sejam quais forem os sujeitos desse contrato... Numa segunda acepção, o termo michê é usado para denominar uma espécie sui generis de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente” (PERLONGHER, 2008:43).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Utilizo na pesquisa o termo *michê viril perlonguiano*, porém diferente dele me detenho para análise de homens que “oferecem” sexo ao feminino. O homem que exala virilidade. Na cidade do Natal é difícil encontrar estes homens, há sempre um amigo de um amigo, mas esse nunca está disposto a “mostrar-se”. Entrar no mundo do homem que oferece serviços sexuais não é nada fácil, parecem temer a representação a ser dada pela sociedade. A comparação com a prática feminina causa-lhes certo desconforto, como na fala de Luís Fabiano: *elas fazem sexo por dinheiro, eu faço por prazer, aventura*. Este discurso é repetido por outros atores da pesquisa.

O fazer *michê* tendo o feminino como “cosumidora” de favores sexuais, fora analisado a partir da sociabilidade *online*⁴. O fazer *michê* neste espaço virtual traz consigo significados de aventura, esta aventura é medida sob dinâmicas corporais para cliente e para os homens que oferecem o serviço.

Ao visitar o mundo virtual encontramos uma infinidade de anúncios. Homens oferecem seus serviços especificando tipo físico, preferência sexual, localização. Como:

Cristiano Ronaldo: 1,85m, 80 kg. Disposto a elevar o seu conceito. O importante não é o dinheiro, mas sim a satisfação que é garantida. Mas só para as mulheres. Recife-PE. R\$ 40 reais (mínimo).

Leonel Messi: 27 anos, 1,98m, aproximadamente 85 kg. Ativo, educado e carinhoso. Atendo homens e mulheres com total descrição, conferir as fotos no Orkut. São Paulo- SP. R\$ 50 reais (mínimo).

⁴ A internet como âmbito de encontro de grupos, sociação lúdica dos indivíduos no mundo virtual, compreendendo o conceito de sociabilidade de Georg Simmel (2006).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O fazer michê traz consigo certo reforço de masculinidade, o falo é um dos principais instrumentos destes homens, corpos sarados e o pênis são sempre ilustrados⁵.



Eles vêm nestas imagens a representação de virilidade. Outra característica da michetagem viril é considerar a mulher como “submissa, embora seja ela a “pagar” pelo serviço (dinheiro, trocas simbólicas, outros).

Drogba: Embora algumas das minhas clientes me chamem de “brinquedinho” na cama, estou por cima. Na verdade são elas os meus brinquedos.

A representação da mulher em nossa sociedade equivale-se a de mãe, esposa, dona de casa, (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003; CORREA, 1983; FONSECA, 2004) uma mulher honrada tem que ter estas características. Cabia ao feminino a horizontalização, “pois a mulher no próprio ato sexual representaria esta posição, enquanto o homem, o poder, domínio, o ativo, representaria a verticalidade, a ordem hierárquica que não deveria ser ameaçada” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003:33).

Esta construção do feminino como ser “materno” contribui para uma michetagem viril privada. Uma distinção da procura do masculino (prostituição feminina) e da procura do feminino (prostituição masculina viril), no âmbito da primeira ser privada e a segunda pública.

⁵ Imagens retiradas de classificados e blogs que oferecem serviço de michê.



Desta maneira fui seduzida pelas significações dos atores masculinos acerca da prostituição. Estava decidida a analisar as informações daqueles homens, os atores encontrados no fenômeno prostituição masculina.

3.1- O mundo *online* da prostituição- Construindo campo

A internet permite a vinculação de informações de todos os tipos e o serviço de *michês* aparece como propaganda rápida e eficaz, além de preservar os atores das relações sexuais. E nesse contexto penso o ciberespaço, o âmbito do site à maneira de micro-contexto na relação da prostituição masculina da cidade do Natal, investigado à priori nos sites de relacionamento do portal UOL e OI, destinado ao público potiguar. Digo à priori, pois esta foi à maneira de encontrar os atores da minha pesquisa. Estabeleci com eles uma primeira conversa, explicando-lhes sobre a pesquisa, os que ficavam mais a vontade “topavam” serem colaboradores, logo passavam para o segundo momento, o MSN⁶.

Como mencionado anteriormente ao entrar nas salas de bate-papos é necessário, seja qual for o portal, um nickname, a digitação do código, a cor da fonte e no caso de salas com teor sexual que seja “assinado” um termo de aceitação. Já na sala tem-se a opção de conversa individual (reservada), conversa com outro visitante sem reserva do diálogo, pois todos vêem o que está sendo escrito ao contrário da conversa reservada, outra opção é que mande mensagens para todos, sem restrições.

O número de participantes por sala varia de acordo com cada portal, geralmente o limite é de 40 participantes, 20 das entradas são de exclusividade de assinantes dos portais e as outras para os visitantes. As salas de bate-papos trazem uma infinidade de categorias. Entrei em outras salas e pude observar que as salas de relacionamento que oferecem namoro e sexo são as mais requisitadas. Como a procura por estas categorias é enorme, dentro destas encontramos o alfabeto⁷ inteiro.

Com dificuldades de conversas *off-line*⁸ com os atores da pesquisa, criei um *Messenger* para acolher os homens que não queriam mostrar seus rostos sob o medo de serem conhecidos ou reconhecidos. O *michê* percebe na ação social uma

⁶ Messenger- mensagem instantânea.

⁷ Dentro de categoria as salas são identificadas por letras do alfabeto. Como o limite das salas é de 40 participantes, quando cheia é sugerido que se procure outra sala ou crie outra sala.

⁸ Trago o *off-line* para representar relação pesquisador-colaborador fora do mundo virtual.



desmoralização da prática de trocas de favores sexuais e sob este medo de ser descoberto preferem não se mostrarem como atores da prostituição.

Rooney: Não mostro o rosto, pois tenho namorada e o que faço é por prazer. Diferente da prostituição feminina que só pensa em dinheiro.

Ao contrário das salas de bate-papos, o MSN oferece mais intimidade, *emotions*⁹ ajudam a identificar o humor dos atores em questão, assim como o status ao interesse de conversa: disponível, ocupado, ausente, off-line. Outro modo de identificar o interesse da conversa e usado também para oferecer o serviço de *michê* é a mensagem de perfil, que geralmente traz o número do telefone ou uma música que represente o momento. O Messenger foi à forma pela qual me senti mais próxima dos meus colaboradores.

Os colaboradores mesmo não querendo se revelar off-line, quando encontrados no Messenger, mostravam o rosto ou o corpo. Mas no cara/cara tinham “medo”. Por duas vezes marquei um encontro com Drogba na UFRN, mas ele não compareceu, quando ligava para saber o motivo do atraso me dizia ter esquecido ou usava a desculpa que tinha uma reunião de trabalho. Eu estava tão ansiosa para ter um encontro off-line com um dos meus colaboradores que me senti frustrada com a ausência dele. Drogba reafirmou a preservação deste serviço pelo público masculino. O Msn oferece segurança, no mais eu não era uma cliente, estava lá como pesquisadora, coisa que na fala do Drogba e Rooney assustava, embora estivessem sempre exercendo o papel viril e imponente da masculinidade, tentavam sempre me seduzir, perguntavam: *Você já saiu com algum michê?* Com a resposta negativa, insistiam: *Não acha que seria válido para a pesquisa?* A condição de pesquisadora mulher costumava deixá-los intrigados. Estavam sempre a perguntarem do meu físico.

Drogba: Você é bonita? ... É que pode ser um problema(risos). Eu posso me envolver (risos). Sou fissurado em mulher inteligente.

A condição de pesquisadora mulher traz mais uma vez as relações de gênero. Eu tinha que estar na defensiva e ao mesmo tempo criar certos laços de confiança que implica a ética da pesquisa. Por vezes, eles esqueciam a minha condição de pesquisadora e em suas falas me ofereciam o serviço explicitamente ou não. Como o Messenger foi criado para estabelecer os atores da pesquisa à relação afetiva se manteve

⁹ Emotions são gravuras “carinhas” que podem representar o humor.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

com restrições, só eu podia vê-los, imagens fotográficas. No meu, figuras sugeridas pelo próprio Messenger (procurei figuras que descem um toque de feminilidade tais como um gat@ ou figuras que representassem a cidade-praia).

Neste momento, me senti como a Paula Machado (2007) ao relatar a experiência de ser uma pesquisadora mulher realizando um estudo sobre o tema das relações afetivo-sexuais, da sexualidade e da reprodução, entre homens.

“Evidente que ser uma mulher tendo como problema de pesquisa a masculinidade e estudando homens nunca foi algo que passasse despercebido durante o trabalho de campo. Esse elemento, somado ao fato de se tratar de uma pesquisa envolvendo o tema da sexualidade, provocou muitas reflexões, sobretudo metodológicas, acerca dos “espaços de gênero” na pesquisa antropológica”. (MACHADO, Paula, 2007: 157)

Devo dizer que além dos jogos de sedução, os primeiros contatos anunciavam desafios para a pesquisa, principalmente no que concerne a condição do encontro etnográfico, um constante processo de negociação, os colaboradores recusavam encontros pessoais, quando aceitavam não compareciam

O Msn como espaço social e físico possibilitava, particularmente, me inserir em questões voltadas para sexualidade e práticas sexuais sem que os atores se sentissem “invadidos”, embora em cada conversa tinha que situar o lugar da pesquisadora, pois quando os assuntos se tornavam mais íntimos, os atores voltavam a se vender como “mercadoria”, esqueciam a condição de pesquisadora e me viam como cliente em potencial. Deixar claro a posição de pesquisadora marcava cada diálogo. Uma mulher entre homens e que não procuram seus serviços parecia estranhos para alguns deles.

4. Quem são e o que querem estes homens?

No mundo globalizado a internet é eficaz para o mercado do sexo, uma vez que, ultrapassa as fronteiras. O sexo pago suscita nestas disseminações de desejos, fantasias e, sobretudo prazeres. Seus sujeitos procuram relações descartáveis para sua própria satisfação, são adeptos do desapego das coisas e das pessoas. O homem diferentemente da mulher que oferece esses serviços, não é desmoralizado, pois se escondem entre ternos e gravatas, salas de universidades, ou seja, um “prostituto de luxo”, não saem as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ruas para oferecerem seus serviços. Ao contrário ficam em casa, sentados em frente ao computador, esperando serem solicitados por mulheres¹⁰.

Nestas salas, os homens que estão vendendo os seus serviços mostram ausência de sentimentos, ou dificuldades de exprimi-lo diretamente, sob a pena de perder a sua imagem viril. Eles alimentam o ideal coletivo, a promoção da hipervirilidade, sustentada por uma passividade sexual estabelecido pela libido da cliente. O uso da sexualidade é estabelecido por este através de uma procura de auto-identidade, necessidade de alimentação, impulso elementar, onde os prazeres nos encontros se afastam de qualquer ligação prolongada. A conquista sexual nessas salas é dada através de arquétipos de heróis masculinos. Os michês entrevistados divergem sobre a construção do feminino, alguns as vêem como figuras forte, encorajadas. Para outros estas mulheres são fracas emocionalmente, desencorajadas a romper com um relacionamento fadado ao fracasso, seja sexual ou não e os procuram para se libertarem momentaneamente.

David Villa: tem que ter coragem para contratar um homem, não é qualquer mulher que faz isso não.

Canavarro: as mulheres que geralmente me procuram estão em crise no casamento, mas não conseguem se desvencilhar de seus maridos, penso que deve ser cômodo para elas.

Mas, o que faz homens oferecerem sexo em uma sala de relacionamento? Necessidade física, biológica, financeira? Prazer físico, psíquico? Ou desejo, imaginação, simbolização? O serviço de michê via internet, aqui analisado nas salas de bate-papos, apresenta homens e mulheres¹¹ a procura de desejo e prazeres, eles simbolizando a espécie do homem viril, forte, “duro”, e elas se preservando atrás de teclados, inicialmente, com interesse de satisfazer seus desejos e prazeres “pecaminosos”. O michê, não vê a prática deste serviço como profissão, pois, eles são geralmente empregados, este serviço é estabelecido como segunda ou terceira opção,

¹⁰ Esta prática não é exclusividade da prostituição masculina, a feminina também utiliza a internet como propaganda de sua atividade sexual.

¹¹ Quando falo das mulheres a faço sob o discurso do masculino, pois não foi possível estabelecer uma relação com clientela masculina.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

para muitos apenas como lazer, daí dizer que não é uma necessidade extremamente financeira.

Drogba: tenho emprego de nível técnico no setor privado, cursando o ensino superior... Engenharia Civil. Dinheiro de sexo não rende, é um dinheiro extra que serve para suprir algumas coisinhas, mas principalmente o prazer.

Como o Drogba, os outros atores reforçam o discurso, “o dinheiro não rende, é apenas por prazer”.

Os colaboradores estavam entre 20-27 anos, quatro deles estão cursando nível superior, dois têm o segundo grau completo e um nível técnico. Drogba tem nível técnico e está terminando o curso de Eng. Civil. Todos têm uma profissão. Quatro dos setes entrevistados mantêm relacionamentos afetivos, sendo um casado e três namorando, os demais estão solteiros. As companheiras, assim como a família dos atores da pesquisa, desconhecem a prática “extra”.

Consideremos o que diz Vitiello (2001):

“Os profissionais do sexo têm diferentes maneiras de exercer sua condição: alguns estabelecem uma separação entre as atribuições da profissão, do papel que tem perante a família, criando a partir disso uma vida dupla que se expressa na vida privada e na vida clandestina institucionalizada. Outros, independente de terem se tornado profissionais do sexo por opção ou coagidos por algum motivo, assumem a própria vida de forma integrada, compartilhando com os familiares e amigos”.

Nome	Idade	Escolaridade	Est. Civil	Profissão
Drogba	25	Ensino de nível técnico/ Universitário	Casado	Empregado na área de Eng. Civil
Rooney	23	Ensino médio completo	Namorando	Assistente administrativo
Henry	22	Nível técnico	Solteiro	Bombeiro
Canavarro	27	Universitário	Solteiro	Fotógrafo
Balack	22	Universitário	Namorando	Estagiário



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Sneidjer	20	Universitário	Solteiro	Estagiário
Davi Villa	22	Ensino médio completo	Namorando	Vendedor

A prostituição assume caráter privado, longe dos olhares da sociedade. Como a pesquisa tem como intenção a prostituição oferecida para o público feminino delimitarei os atores da própria, todos confirmaram atender apenas mulheres. A procura por homens que ofereçam serviços sexuais ao feminino na cidade do Natal é pequena, eles estipulavam preços que variam de acordo com os prazeres oferecidos, o valor dos encontros partem R\$100 reais.

Rooney: o preço é estabelecido de acordo com o que vai ser oferecido no programa, às vezes elas só querem conversar, daí basta pagar um jantar e pronto.

Drogba: o valor é relativo, a partir de R\$100,00 e já chegou aos R\$3.000.00 (Pesquisadora: nossa! O porquê do preço tão alto?) ... por duas vezes atendi uma senhora Juíza do Trabalho. Ela gostou de mim[risos] e me pediu algo que não queria aceitar, mas como ela pagou o que pedi. (Pesquisadora: mas os R\$3.000.00 foi pelas duas vezes?)... Não, cada!(Pesquisadora: 3.000.00 reais por cada? Você está rico hein?![risos]) ... Ela me pediu que para além dela, dar uma atenção à filha e uma amiga, sem que elas soubessem que eu tinha sido contratado por ela. A idéia era comprovar a homossexualidade das duas.

Quando solteiro, o local de encontro fica a critério da cliente, quando casado é sugerido encontro em motéis e raramente na casa da cliente. Quando a conversa apontava os motivos pelos quais levaram a oferecer serviços sexuais, têm-se as diversas respostas.

Drogba diz: comecei por acaso aos 17 anos com uma cliente da empresa que trabalho¹², uma jovem de 29 anos, casada que dizia estar desapontada com o rendimento do marido. Fui o “brinquedinho” dela, como me chamava na cama e me indicou a uma amiga.

¹² Drogba trabalha em uma empresa privada, começou o emprego junto ao fazer michetagem, hoje tem 25 anos, continua trabalhando na mesma empresa e fazendo alguns trabalhos “extras”, tem uma clientela fiel e bem selecionada. É casado, universitário, e não passa pela cabeça da esposa e nem dos amigos sua atividade “extra”.



Thiery Henry¹³: fui levado pela curiosidade.

Canavarro: precisava de um dinheiro extra, e ouvi dizer que isso pagava bem.

Balack: aventura, apenas aventura. Tanto que nem me importo com o dinheiro.

Seja quais os motivos que os fizeram entrar neste mundo de serviços sexuais, percebi nos colaboradores que a relação que eles têm com os serviços oferecidos são estabelecidos com a menor relação de afetividade possível. Embora muitos deles estabeleçam relações com um público já definido, as redes sociais são estabelecidas apenas com clientes, o negócio funciona melhor no “boca a boca”, amiga que diz para amiga. A internet para muitos é uma novidade no que refere-se a oferecer o serviço, mesmo esta funcionando sob clicks alguns têm medo de serem revelados. Diferente do que apontam as pesquisas de Cantalice (2008) e Pinel (2003) os atores da prostituição masculina na cidade do Natal não estabelecem contatos entre si, sendo assim não consegui estabelecer um *network*.

Analisando o perfil, motivação e negociação desta atividade podemos inferir a michetagem na cidade do Natal como uma atividade feita “as escuras¹⁴”, feita por homens que utilizam o discurso da virilidade, do desapego. O sexo como uma aventura. O “michê”, a oferecer trocas de favores sexuais por poucas vezes incorpora a submissão, está sempre “interpretando” a figura do macho, viril, dominante, mesmo sabendo que o relacionamento estabelecido é de caráter a ser dominado e não dominador. Este aventureiro sexual rejeita o amor romântico, ou apenas utiliza sua linguagem como retórica de persuasão (GIDDENS, 1993).

4. Representações da prostituição masculina: michê, prostituto, gigolô?

Neste tópico analisaremos como se dá por parte dos atores sociais as representações atribuídas a troca de favores sexuais. Dificilmente eles se reconhecem

¹³ “Carrasco” brasileiro da copa de 1998 e 2006 ao lado do companheiro Zidane da seleção francesa.

¹⁴ Por mais que se saibam de bares e boates freqüentados por homens que praticam a michetagem, esta geralmente é ofertada para o público masculino. A atividade sexual oferecida para o feminino se estabelece como algo secreto, a fim de preservar os atores envolvidos nela.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

como produtos sexuais, não atribuem valorização ao corpo. O que propõem estabelecer com a cliente são momentos de prazer.

Quanto à nomenclatura muitos ficaram curiosos sobre o termo *michê*, desconheciam. Como a atividade de prostituir-se traz consigo o estigma de desvalorização, transgressão e desmoralização, não gostam do termo prostituto, sobretudo porque querem ser distinguidos das trocas sexuais femininas. O “estigma se da a partir das afirmativas em relação aquilo que o indivíduo que esta a nossa frente deveria ser” (GOFFMAN, 1975:12).

Uma vez que o termo *michê* é desconhecido entre os atores da pesquisa, prostituto é descartado por causa-lhes incômodo a comparação com o feminino. Pensei talvez *gigolô* e percebi que é o termo mais odiado por eles, pois vêem neste a representação de um objeto a ser usado pelo feminino, um objeto que depende do feminino para tudo. E como são todos empregados não correspondem ao termo em questão.

Aparece então um termo desconhecido por mim, mas comum entre os entrevistados, *prestador de serviços sexuais*. E a partir daqui abandono o termo *michê* e os reconheço seguindo suas próprias representações: *prestador de serviços sexuais*. De certa forma é uma representação que parece cunhar ainda mais a idéia monetária da atividade.

Quando perguntado sobre porque se identificava como prostituto o Drogba responde: *Bem não gosto do termo (Pesquisadora: tudo bem)... risos (Pesquisadora: como prefere ser “chamado”?) ...mas também não sou idiota que mente para si mesmo, prefiro o termo prestador de serviços.*

Para os prestadores de serviços sexuais a prostituição representa apenas uma forma aventureira de ganhar dinheiro, dinheiro este que não é colocado á base de suprir suas necessidades financeiras, como visto anteriormente o dinheiro do sexo não rende.

A prostituição, por suscitar para a sociedade uma prática desmoralizadora, faz com que estes atores tenham medo do estigma que está atividade possa lhe causar, daí a preferência pela clandestinidade da atividade. Quanto à clandestinidade de suas clientes



apontam-se as sanções sociais, referente ao papel do feminino¹⁵. Vemos em Foucault (1988), a invenção da sexualidade como parte de alguns processos distintos envolvidos na formação e consolidação das instituições sociais modernas. A regularização no corpo social, coletivo e moral da sociedade. Uma produção do controle sobre o indivíduo que produz tanto uma sexualidade “normal” como práticas sexuais normais, a figura do prestador de serviços sexuais se configura a partir desta vigilância como um desvio de conduta. Reprimidos e oprimidos pela moral os prestadores de serviços sexuais, preferem a “segurança” e não vigilância da sociedade utilizando serviços *online*.

5. Considerações finais

Partindo dos enalces de punição que a prostituição é significada na sociedade moderna as salas de bate-papos oferecem para este público conforto e descrição. Os serviços sexuais oferecidos nas salas de bate-papo apresentam homens e mulheres, sobretudo, homens os atores da pesquisa, a procura por desejos e prazeres, eles simbolizando a espécie forte, “dura” e viril, escondendo-se atrás de teclados para garantir a descrição do negócio, manter-se longe do controle social que vê a prática da prostituição como atividade de desmoralização e transgressão. Então, ao esconder-se atrás de teclados não são desmoralizados, não saem às ruas para oferecerem seus serviços, ao contrário, ficam em casa sentados em frente do computador esperando serem solicitados. O servidor sexual não vê a prática deste serviço como profissão, pois, são geralmente empregados, este serviço é significado como segunda ou terceira opção, para muitos apenas como lazer, aventura. Aventura esta que exige trocas.

O sexo “pago”, ou melhor, dizendo trocado sucinta nestas relações como disseminação de desejos, fantasias e, sobretudo prazeres, seus sujeitos procuram relações descartáveis para sua própria satisfação, são adeptos do desapego das coisas e principalmente das pessoas “*pague meu dinheiro e vista sua roupa*” (Garoto de aluguel-Zé Ramalho).

¹⁵ Dona de casa, mãe, esposa. Uma sexualidade dentro dos desejos “normais” praticados apenas com seus maridos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Feita está análise parcial que traz a prostituição masculina *online* como exemplo da diversidade do mercado do sexo evidencia-se a necessidade de pensarmos e compreendermos as representações masculinas sobre a prostituição. A grande contribuição deste “novo” campo antro-sociológico que aponta as sociabilidades virtuais – a internet. E, sobretudo, a necessidade de pensarmos a mulher¹⁶ nos jogos de desejos, onde elas parecem como seres a desejar e não apenas como seres desejantes. A contrapartida devemos compreender trabalhos sexuais sob o véis de trocas (previamente acordadas) a procura da satisfação do próprio interesse e, interesse de ambos (Lévi- Strauss).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo** - Uma história do gênero masculino (Nordeste- 1920/1940). Macéio: Edições Catavento, 2003.
- BENTO, Berenice. **Um certo mal-estar**: queixas e perplexidades masculinas. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UnB, 1998 (245 páginas.).
- BOURDIEU, Pierre. **“A dominação masculina”**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CANTALICE, Tiago. Feminismo, mercado de sexo e turismo: reflexões sobre as múltiplas faces e interpretações do sexo mercantil. In: **Revista Bagoas**, V.2, N.3 jul/dez.2008
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição- Corpo como mercadoria. In: **Mente & Cérebro – Sexo**, v. 4 (edição especial), dez. 2008.

¹⁶ Como apresenta Tiago Cantalice (2008) “Desde a Primeira Onda, a prostituição era vista como um exemplo da indubitável submissão das mulheres e como a confirmação da existência de um duplo padrão sexual que liberava os homens para a múltipla experiência sexual, o que lhes conferia um *status* de respeitabilidade e ratificava a nobreza de sua masculinidade, enquanto que para as mulheres era sinal de desonra e desvalorização no mercado matrimonial”.

Se a escolha de oferecer serviços sexuais é pensada pelas feministas como prática de subversão, o que elas diriam a ver mulheres procurando por sexo?



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CORRÊA, Mariza. **Os crimes da paixão**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1981.

FONSECA, Cláudia. **Família, Fofoca e Honra**: Etnografia de Relações de Gênero E Violência em Grupos Populares. Ed: UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1975.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.